

## O Saber Médico nas cidades de Petrolina e Juazeiro através ‘do Jornal “O Pharol” 1915-1920.

BÁRBARA ELISA DE SOUZA ROLIM CAVALCANTI

O presente trabalho tem como objetivo discutir a inserção do saber médico nas cidades de Juazeiro e Petrolina utilizando como fonte de estudo o jornal de maior circulação na região, intitulado “O Pharol”.

No início do século XX, o Brasil presenciou a necessidade de combater epidemias que já estavam tomando proporções assustadoras, e a elite objetivava combater essas doenças que já assombravam o Estado nacional, “a adoção de medidas de saúde pública obedeceu a ritmos e características próprias de cada contexto das distintas unidades que compõem o vasto território nacional”. (SOUZA, 2010.p 87) Principalmente, por que através da constituição de 1891 determinou-se que cada estado deveria arcar com suas próprias despesas cabendo o Estado nacional intervir somente em calamidades públicas. Assim cada estado tratava de seus problemas insalubres de acordo com suas necessidades e de seu poder aquisitivo,

*“A falta de um sistema de esgotamento sanitário eficiente permitia que a água servida e a pluvial, assim como os detritos domésticos, fossem escoados de maneira inadequada, geralmente a céu aberto, contaminando o solo, as águas e os alimentos. O lixo doméstico e outros resíduos também se acumulavam nas ruas, nos terrenos baldios, nos pátios e nos quintais. Para completar o quadro de insalubridade, o sistema de distribuição de água era insuficiente e de qualidade duvidosa – os barris de água distribuídos nas portas por aguadeiros eram abastecidos nas mesmas fontes onde pessoas se banhavam, animais matavam a sede e lavadeiras lavavam a roupa.” (SOUZA. 2010 p. 96).*

As epidemias e endemias não eram apenas uma realidade Baiana, mas de todo o território nacional principalmente as capitais por ser palco de uma quantidade superior de pessoas, imigrantes e ex escravos que se aglomeravam em pequenos espaços sem a condição de higiene o que contribuía para a proliferação de doenças. Esse desejo em querer transformar ou solucionar esses problemas na saúde veio principalmente por intelectuais que se afirmavam como sanadores de todos os problemas sociais. Pois o Brasil estava buscando a modernidade espelhando-se na Europa e precisavam reconfigurar o cenário nacional para perder a imagem de uma nação degenerada. No primeiro momento adotar hábitos europeus se limitava a ratificar o espaço, obter o léxico refrescado entre outras medidas aparentemente fúteis, mas ao perceberem que a rejeição vinha da falta de manutenção da ordem e organização social, as medidas começam a serem ampliadas e uma ideologia da higiene passa a se instalar em meio a superpopulações, as favelas e a criminalidade. Neste período de foco em progresso e hábitos modernos descartava-se completamente o papel do pobre.

*“As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio... E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos”. (CHALHOUB. 1996. p. 29.).*

A ação de saúde pública neste período do século XX se resumia a campanhas de vacinação, isolamento de doenças e a uma política restrita de saneamento. Passa a ficar mais eminente a necessidade de uma reorganização do espaço urbano, foi a partir desta realidade que passou a fazer parte do projeto de intervenções na estrutura e infraestrutura desses espaços urbanos, uma maior assistência à saúde devido às doenças epidêmicas.

Entretanto, para execução dessas medidas sanadoras o poder público passa a ser colocado nas mãos de médicos, engenheiros e aos ideários de ordem e civilização que estavam ligados à higienização. O trabalho do médico era limitado somente às elites brasileiras, sendo os pobres tratados por outras práticas de cura..

Paralelamente, a esse contexto de reorganização na higienização nacional, o Brasil também era palco de movimentos sanitaristas que tinham ligação direta com a ideologia de remodelar os centros urbanos e reorganizar o espaço físicos.

Sentindo-se a necessidade da implantação de uma política voltada para a saúde, sobretudo no sertão, surgiu nesse período o Movimento Sanitarista. Esse movimento foi inserido nesse contexto, em virtude da inquietação por parte de algumas pessoas que estavam insatisfeitas com o descaso que o governo nacional apresentava para a superação da insalubridade do Estado.

*“Esse movimento, também conhecido como a ‘campanha pelo saneamento rural’, difundiu eficazmente essa interpretação por meio de uma ampla campanha de opinião pública e ofereceu soluções políticas e institucionais para transformar uma comunidade fundada nos efeitos negativos das endemias rurais e abandonada pelo Estado em um país hígido com uma população saudável... Esse movimento foi bem-sucedido em forjar uma consciência sanitária entre elites brasileiras, que possibilitou o surgimento das primeiras políticas de saúde e saneamento de âmbito nacional a partir da criação, em 1919, do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e seus serviços de profilaxia rural”. (HOCHMAN. 1998. p. 03 )*

O vasto problema causado pelo abandono do governo foi o que estimulou o DNSP a se constituir. Pois a falta de saneamento que por sua vez, causava as endemias, gerava transtornos a nível nacional. o Brasil estava criando uma consciência de todos os malefícios das endemias do ponto de vista econômico e social e

Essa intensificação dos debates sobre a saúde abriu outras discussões para recuperação de uma nacionalidade brasileira, na qual, estava incluso meios educacionais/formas para conscientizar as pessoas a mudar certos hábitos. Um movimento brasileiro de grande destaque foi a Liga Pró-Saneamento do Brasil, que procurava o apoio não apenas do governo, mas também da elite, pois assim a ação pública poderia se firmar com mais rigor, principalmente porque não queria se limitar apenas ao grande centro urbano, mas adentrar o interior do país, assim também ficou conhecida como, “saneamento dos sertões”.

Tendo em vista que o sertão era visto como um ambiente esquecido, que não estava incluso na realidade brasileira da época, além de ter uma expansão maior de doenças endêmicas, como afirma HOCHMAN (1998,p. 06) “Os sertões passam a ser sinônimas de abandono, ausência de identidade nacional e difusão de doenças endêmicas”. O movimento sanitário classificou o isolamento do sertanejo como um estado de abandono da população rural pelas autoridades governamentais (...). Nesse diagnóstico os sertões continham um grande hospital: eram ao mesmo tempo abandono e doença. ”

Em meio a essas turbulências, entra em cena uma nova questão, pois o Brasil passava neste período por um processo de modernidade, a busca por uma civilização tida como ideal, que seria a representação de uma sociedade europeizada, e inserir o sertanejo/sertão nesse momento seria assinar um atestado de atraso.

## **O papel do médico**

Todo esse ideário de civilizar o país, fez com que a medicina deixasse de ser limitada somente a saúde e torna-se propulsora das transformações almejadas, para uma reforma social. Cabia somente ao médico a função de oferecer soluções às problemáticas enfrentadas pela população em relação à saúde e uma série de outros problemas.

*“Nesse período, a elite médica imperial estava procurando construir um saber fundamental numa patologia ambientalista, considerando aspectos com as condições territoriais, telúricas, climáticas e atmosféricas próprias do Brasil, obedecendo aos mesmos critérios de cientificidade da medicina higienista e anatomoclínica vigentes na Europa.” (SOUZA, 2010. p.89).*

Reafirmando o desejo do Governo Brasileiro em se enquadrar nos moldes da sociedade Europeia tanto em aspectos políticos, econômicos e modernos, neste último se integra as

práticas científicas higienistas. De acordo com Schwarz, eles se intitulavam “homens de ciência”, que de dentro dos seus estabelecimentos tomaram para si a difícil tarefa de refletir sobre a nação,. Todo esse poder de persuadir a sociedade com todos os seus conhecimentos científicos passam a ser enfatizados primordialmente neste período, pois nos meados do século XIX, a saúde da maioria da população estava entregue a curandeiros e parteiras, e o trabalho do medico era atender somente as camadas mais nobres. Justamente por isso que quando o medico passa a ter papel de destaque tanto na saúde pública como também nas soluções das necessidades sociais, deixando a sociedade receosa. O discurso de higienização era incessante e eles acabaram assumindo cargos públicos e projetaram institutos para o combate contra as epidemias que assolavam o Brasil em cada Estado principalmente os que enfrentavam as maiores calamidades epidêmicas.

## **A chegada do médico no Vale do São Francisco**

O interior das capitais embora não fossem próximos ou ligados diretamente aos grandes centros, deparam-se também com essas transformações sociais na busca da civilidade. No caso do sertão nordestino, a realização dessas atividades sanadoras das epidemias vieram com as missões de saneamentos, organizadas por médicos oriundos das capitais. Eles iniciam então uma campanha pelo saneamento rural. Mas diante dessas grandiosas realizações existia um paradigma a ser quebrado, pois enquanto os intelectuais difundiam suas ideias europeias e saberes civilizados, a maior parte da população ainda estava entrelaçada aos saberes oriundos da sua cultura e religião.

Esses confrontos sociais não foram suficientes para acabar com o ideário de modernidade e progresso através de hábitos higiênicos, principalmente nos interiores, pois médicos como Artur Neiva e Belissário Penna através da expedição científica organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz em 1912, adentraram o sertão , que na visão deles era a expressões de doença e abandono.

*“Para a campanha pelo saneamento rural, esse pedaço de Brasil doente não era nem pequeno nem longínquo para continuar empobrecido, esquecido pelas autoridades públicas e idiotizado pelas epidemias. Os sertões significavam não espaços geográficos delimitados, mas áreas não alcançadas pelas políticas de saúde e saneamento.(...)O movimento sanitaria realizou o percurso inverso, trazendo o sertão para perto do centro político do país.”(HOCHMAN, 1998. p.12).*

Foram nessas expedições que esses médicos chegaram a Petrolina e Juazeiro, municípios dos estados de Pernambuco e Bahia respectivamente, separados pelo rio São Francisco e que atualmente pertencem a uma região denominada Vale do São Francisco. E mesmo sendo tão distantes de suas capitais também almejavam a tão sonhada civilidade entretanto, sua realidade era completamente diferente, pois até esse período desconheciam algumas práticas científicas. Petrolina obteve seu crescimento principalmente pelo rio São Francisco, desde as primeiras habitações nas regiões tem se destacado.

*“esse espaço territorial próximo ao rio era uma fazenda de criação de gado, servia de passagem aos negociantes de gado de Ouricury e do estado do Piauí para a já cidade de Joazeiro, assim veio-lhe o nome de passagem para Joazeiro.”( BRITTO, 1995, p. 14).*

No processo de desenvolvimento do Vale do São Francisco várias mudanças foram acontecendo e identificou-se a necessidade de divulgação através do Jornal o Pharol de hábitos e costumes tidos como civilizado e nesse processo os médicos como personagens fundamentais..

## **O Pharol como propagador do saber medico**

Em 10 de setembro de 1915, circulava em Petrolina “O Pharol”, esse que por sua vez, foi editado por João Ferreira Gomes, que mais tarde ficaria conhecido como: Joãozinho do Pharol. Esse jornal apresentou uma nova tendência, por englobar não apenas notícias locais, mas por tratar temas a nível nacional e internacional e representou claramente indícios pela busca de uma Petrolina mas moderna.

O Pharol seria uma continuidade do Correio da Infância – jornal manuscrito, que foi lançado por Joãozinho, juntamente com dois colegas seus José Fernandes Coelho e Antônio de Souza –, esse último participava escrevendo assuntos sociais e anúncios. Apesar da abordagem, o Correio da Infância não vingou, no entanto, a vontade de levar informações e espalhar opiniões através de um jornal, ainda era um desejo de Joãozinho.

O Pharol foi intitulado assim, devido ao uso do farol como instrumento de proteção das embarcações, teve como objetivo inicial indicar a direção para o desenvolvimento dessa região e demonstrar as circunstâncias gerais que estavam ao redor daquele território. O jornal empregou uma linguagem mais refinada, e sofria influência parnasiana. Sendo que como o

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Brasil estava nesse período introduzindo novos hábitos, tidos como modernos; um novo padrão textual foi adotado, e assim o Pharol aos poucos foi se adaptando ao novo estilo.

*“O jornal, impresso nas oficinas da Folha, tinha 15 x 10 cm, in folio, ou seja, o formato obtido por uma folha de papel dobrado uma só vez. Os textos eram distribuídos em duas colunas. O número de páginas seria inconstante – ora quatro (a mais freqüente), seis ou até oito páginas.”( CAVALCANTI )*

Apesar do grupo social não caracterizar de fato o perfil dos leitores, percebe-se que o grande público leitor eram pessoas pertencentes a um alto padrão social; seja eles políticos, médicos, fazendeiros ou professores, entre outras ocupações.

O Pharol passou por um amplo processo de evolução, em meio a isso, abriu um espaço para a variedade de conteúdos, podendo ser sobre cultura, lazer, política ou medicina. E retratando a saúde, nota-se um investimento muito grande por parte dos anunciantes em estimular o uso do saber científico. E esse investimento ao mesmo tempo em que representava um caminho para o sonhado mundo moderno, causava um conflito entre aqueles que já possuíam outras técnicas de cura, nesse caso, os adeptos a ervas medicinais, a curandeiros ou parteiras. Uma grande quantidade dos anúncios do Pharol era de farmácias ou de remédios, na qual, a elite de Petrolina por falta de farmácia na região buscava os produtos na cidade vizinha – Juazeiro. As edições de 1916 deixam clara a cobrança de farmácias e médicos para atender a população petrolinense.

*“Consta que o dr. Cardoso de Sá, nosso disticto conterrâneo, projecta a installação de uma pharmacia nesta cidade. Deus queira que as cousas vão continuando assim como ellas nos atinguram, por que desta maneira já podemos contar com este grande melhoramento para esta localidade. Que o “projecto” não fique em “projecto,” como geralmente succede. ( O PHAROL, 26 de fevereiro de 1917).’*

E em outros noticiários os jornalista do O Pharol, mostram a satisfação da cidade em receber o ilustre Dr. Pacifico da Luz vindo do Piauí e que mais tarde se tornara prefeito de Petrolina, reafirmando a influencia dos médicos na formação política do local.

*“De todas as numerosas necessidades que Petrolina resentia-se, era sem duvida, de um medico e de uma pharmacia; principais bases da construção solido edificio da saúde publica (...). Agora felizmente acha-se nesta cidade o illutse e abalisado clinico dr. Pacifico da Luz.”(O PHAROL em 27 de Janeiro de 1917.)*

Nos anos seguintes o *Pharol* se destaca por sempre conter em seus periódicos notícias relacionadas a saúde e as propagandas de remédios que ainda eram novidades na região, além de sempre informar sobre as calamidades que acometiam o país e cobrar do município medidas que protegessem os moradores. Essa preocupação ficou clara com a epidemia da peste bubônica; que acometeu a cidade nos anos de 1916 onde foi abordada em várias edições, não apenas identificando onde ela se alastrava mas explicando também sua origem, significado do nome e práticas de prevenção e cura.. Assim o jornal foi instrumento de propagação da modernidade no município de Petrolina e trouxe o progresso tendo como um dos principais investidores os médicos da região.

Todos esses vestígios da modernidade cresceram entrelaçados a dura realidade da maior parte da população e muitas vezes acompanhado do descaso do governo que objetivava apenas modificar os centros urbanos não investindo na saúde da maioria da população. Em relação aos sertões onde Petrolina está inserida esses projetos redefiniram as fronteiras fazendo com que esses interiores compartilhassem do seu mesmo ideário de progresso.

## Referências

BRITTO, Maria Creusa de Sá Y. **Petrolina origem, fatos, vida, uma história: (Do desbravamento do município a 1992: Petrolina: tribuna do sertão.** 1995.

CAVALCANTI, Nomeriannat. **Pharol, tempo, imagem e memória.** Juazeiro. Projeto de pesquisa e extensão, DCH III UNEB. [Cd].

GOFF, Jacques Le. **Antigo/Moderno in: História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1996. p. p. 167-199.

HALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.**São Paulo, Cia da Letras, 1996.

HERSCHAMANN, M. M; PEREIRA, A. C. **A invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30.** Rocco. Rio de Janeiro. 1994. p. 09-65

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

LIMA, N. T. 1997 **Um sertão chamado Brasil: intelectuais, sertanejos e imanação social.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro instituto Universitario de Pesquisas do Rio de Janeiro. [ Links]

RIBEIRO, M. A. R. 1993 **Historia sem fim... inventario da saúde publica.** São Paulo 1880-1930. Unesp.[ Links]

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. **O pensamento sanitarista na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade.** *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão. tensões sociais e criação cultural na primeira república.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Compaia de Letras, 1993.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.945-972.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A constituição de uma rede de assistência à saúde na Bahia, voltada para o combate das epidemias.**